

## Notas sobre o livro *Um Iniciante na Viagem Astral*

Flávio Amaral

Apresento aqui breves notas inspiradas pela leitura do livro *Um Iniciante na Viagem Astral*, de Saulo Calderon, publicada pelo Instituto Viagem Astral (IVA), disponível em <http://www.viagemastral.com/site/livro/> . Apesar de considerar-se iniciante, o autor mostra capacidade acima do comum para traduzir vivências em conhecimento útil, de maneira simples, clara e benévola a todos.

Saulo, iniciante sou eu! Talvez pela dificuldade em compreender sua afirmação “devagar é pressa”. Tenho pouca vivência fora do corpo para acrescentar. Quero apenas registrar as ideias valiosas favorecidas por esta leitura, pois talvez interessem para mais leitores, e também meus agradecimentos e votos de sucesso nesse importante trabalho!

O autor mostra que um assunto rico fala por si, dispensando sofisticções na linguagem, conceitos e argumentos. Mas o livro é simples só nas aparências, pois seu conteúdo traz lições profundas para quem procura conhecer a si mesmo. Saulo demonstra que *projetar-se é despir-se*. Deixa claro que a *saída do corpo* é uma jornada para *entrar em si mesmo*. Não é um paradoxo, é uma consequência. A viagem astral é a retirada desta pesada roupa de carne e ossos que vestimos. Sem ela, estamos nus.

*“As pessoas tencionam sair do corpo e depois de um tempo, descobrem que não importa muito só sair do corpo, mas estar bem dentro e fora dele. Indagamos, sair para onde? Sair para a espiritualidade! E o que encontraremos lá? Principalmente a nós mesmos da forma mais nua e crua possível, e isso quase nunca é agradável.”* (p. 11)

Nus, precisamos encarar a afirmação: “90% do que encontro é sofrimento e ilusão” (p. 7). Ilusão, pois a roupagem que aplicamos a tudo, até necessária em certos momentos, não deixa de ser disfarce, e a saída consciente do corpo propicia-nos retirar máscaras e desvendar fantasias. E o sofrimento é reação contra aquilo que rejeitamos – parcela da realidade embrulhada em invólucro mais denso para nossa proteção temporária.

Nas relações interconscienciais: “A primeira dimensão a qual normalmente saímos após o despertar fora do corpo é um mundo de perseguidos e perseguidores” (p. 11). Afinal, perseguir é buscar em alguém o que não encontra em si mesmo. Ou ainda, tentar modificar outra consciência para contrabalançar a incapacidade em adaptar-se ou modificar-se. Ilusão e perseguição são duas tentativas paliativas para transformar a realidade externa quando se quer *adaptar o mundo* ao nosso gosto.

O livro coloca o fenômeno extracorpóreo no devido lugar. Não é ferramenta de autoafirmação mas de autoconfrontamento entre o que se é e o que se imagina ser.

Saulo também ajuda a compreender o medo. “O medo faz parte do processo. Não há como deixar de senti-lo” (p. 15). É espécie de rejeição contra o desconforto, mas o desconforto pode ser o caminho para fora de situações estagnadas. Paralisar uma boa iniciativa por medo é como evitar uma injeção para não sentir a picada da agulha. “O medo é companheiro normal nos estudos espirituais e temos que aprender a lidar com ele e não fingir que ele não existe” (p. 17). Na busca para compreender o assunto, Saulo ainda escutou afirmações que inculcavam mais medos, ao invés de amenizá-los.

Se o medo atrapalha a projeção, como pode a autoconfiança também prejudicá-la? Saulo mostra como a autoconfiança, após descobrir a própria capacidade energética

fora do corpo, o fez sentir-se “igual a *X-man*”. Retirava espíritos da casa, afastava-os. Chegou a deixá-los com medo e, em retorno, recebeu hostilidade (p. 63).

É possível compreender como o belicismo não é modo de resolver nada. Matar um bandido, por exemplo, é retirar-lhe um corpo pesado, que lhe dificultava invadir os locais. Longe de ver-se livre do mesmo, pode significar trazê-lo para próximo a si. Quantos não são aqueles que, após cometerem este ato, sentem a presença frequente da consciência nas proximidades, tentando agora roubar-lhe outros bens, mais valiosos do que o dinheiro, por exemplo, a paz e a tranquilidade.

O mesmo se aplica às interações extrafísicas. Não adianta forçar nada contra outra consciência pois, se o modo de pensar não se altera, ela retorna ao comportamento costumeiro.

A questão colocada por Saulo é pertinente: “*Por que eu teria que ter compreensão? Quer dizer, ele tentara me vampirizar, eu me defendi e ele ainda ficou bravo?*” (p. 63). Imagine-se na cama, ver de repente um desconhecido ao seu lado. Se o medo atrapalha, a autoconfiança, somente, também não resolve e pode, também atrapalhar.

Aprender a transformar tal evento em interação amistosa é habilidade que vem com a prática, entre erros e acertos. A autoconfiança imprescindível é aquela que temos com respeito a nós mesmos. É confiarmos em nossa capacidade de manter estado íntimo sereno, pacífico. Confiarmos na habilidade para resolvermos nossos pontos fracos, evidenciados por tais situações. Não deve ser, no entanto, a autoconfiança para forçar outros seres a qualquer coisa, pois esta é a confiança belicista “de *X-man*”, ilusória.

Por isso a franqueza do autor em falar no assunto. Não adianta querer viajar pelo astral indisposto a passar por situações semelhantes.

A maneira de portar-se frente a estas dificuldades – verdadeiras experiências de aprendizado mútuo extrafísicas – procura ser exemplificada pelos amparadores. Através da exemplificação, procuram fomentam oportunidades nas quais possamos sentir paz, segurança, gratidão em sermos úteis. O medo e as reações de briga (no fundo é mesma coisa) tornam-se pequenos. Após nos conscientizarmos do amparo, queremos reproduzir esta condição sempre.

*“Não há palavras para definir, só podemos sentir, vivenciar aquela energia que nos banha. Às vezes desejamos que todos no mundo possam sentir tão benfazeja sensação. E é aí que entra a consciência do amparo. Como não amparar? No corpo, fora dele, que diferença faz.”* (p. 33)

Buscar este sentimento já é, por si, recompensador. A paz íntima motiva procurarmos mais interações neste padrão. Ela convence-nos de que existe condição interconsciencial mutuamente gratificante, elevada, superior.

Este momento gratificante foi sentido no primeiro e mais marcante contato de Saulo com o amparador pessoal, “*um rapaz de bermuda, chinelos e camisa marrom*” que ao ser abordado, lhe respondeu:

*“Eu sou o que as pessoas chamam de Anjo guardião, mas você pode me ter como um amigo, como alguém em que pode confiar e eu o ajudarei a entender e estarei perto sempre que precisar. Alegro-me que posso me apresentar para você da forma como sou mesmo, pois vou a muitos lugares e por respeito apareço da forma que não agrida cada ambiente por onde passo (...) Quando você começar a estudar o assunto, procure entender que cada lugar vai ter um jeito diferente de entender e estudar (...) não se esqueça de usar de simplicidade e respeitar cada local por onde passar.”* (p. 43)

São palavras que falam por si e, de certo modo, resumem os princípios norteadores que Saulo aplica à projeção e ao livro.

No início, lamentei não ter conhecido o livro antes. Por outro lado, não teria compreendido alguns dos ensinamentos. Poderia ter agido perdulariamente e dado pouca atenção à obra. Talvez o autor tenha razão: *devagar é pressa*.

17.03.2013